

OS PERIGOS DO MOVIMENTO DE CRESCIMENTO DA IGREJA (MCI) PARA A REVITALIZAÇÃO DE IGREJAS

*Jedeias de Almeida Duarte**

RESUMO

Este artigo busca analisar o crescimento da igreja observando inicialmente os perigos de assumir uma postura pragmática quanto a princípios e estratégias, especialmente nos processos de revitalização de igrejas. Faz uma análise de alguns autores do Movimento de Crescimento da Igreja, movimento esse que tem ressurgido nos últimos anos buscando mesclar princípios das ciências sociais com princípios bíblico-teológicos a favor de um crescimento numérico. Por fim estabelece um ponto de partida para o diagnóstico da revitalização de igrejas, evitando extremos que são perigosos em qualquer dimensão missionária e em qualquer época da história da igreja.

PALAVRAS-CHAVE

Eclesiologia; Movimento de Crescimento da Igreja; Revitalização de igrejas; Estratégias missionárias; Igrejas saudáveis.

INTRODUÇÃO

As propostas atualmente disponíveis na literatura acadêmica sobre crescimento da igreja, especificamente sobre revitalização de igrejas, caminham

* O autor é bacharel em Teologia pelo Seminário Presbiteriano do Norte (Recife, 1987); em Direito pela Faculdade de Direito do Vale do Rio Doce (Governador Valadares, 2006); mestre em Missiologia (Teologia Pastoral) pelo Centro Evangélico de Missões (Viçosa, 2007); em Teologia Sistemática pela Pontifícia Universidade Católica (São Paulo, 2016); doutor em Ministério pelo Seminário Teológico Reformado – RTS/CPAJ (Jackson, EUA, 2009). É professor adjunto de teologia pastoral e coordenador do Programa de Pós-Graduação em Revitalização e Multiplicação de Igrejas (RMI) no CPAJ. É o secretário executivo do Plano Missionário Cooperativo (PMC-IPB) e pastor auxiliar da Igreja Presbiteriana de Canoas (RS).

em pelo menos três direções. A primeira busca resgatar princípios bíblicos que normatizam a vida saudável de uma igreja local, organização missionária ou denominação. Esses princípios possuem pressupostos e princípios teológicos que buscam amparo nas Sagradas Escrituras e, assim, é possível encontrar autores que vão desde o catolicismo romano até ramos bem específicos do protestantismo. A ênfase assegurada nessa vertente é a saúde teológica de uma igreja. Assim, ao se estudar sobre a revitalização de uma igreja, busca-se analisá-la e aprová-la de acordo com os pressupostos ou princípios que podem considerar uma igreja saudável sob o ponto de vista de uma vertente teológica. Nesse sentido, duas perguntas podem brotar para o leitor: É possível estabelecer uma única vertente para diagnosticar a saúde de uma igreja? Uma igreja conforme uma perspectiva teológica terá necessariamente um crescimento numérico seguro e por algumas gerações?

A segunda direção acolhe os princípios bíblicos; contudo, busca conectá-los com a prática diária e, assim, espera-se necessariamente um crescimento numérico por algumas gerações. Em outras palavras, a saúde de uma igreja local, organização missionária ou denominação deveria traduzir-se em crescimento numérico. Princípios bíblicos somados a estratégia bíblica produzem crescimento numérico. Também é possível levantar perguntas para esse grupo: Por que algumas igrejas aplicam os princípios bíblicos e as estratégias derivadas desses princípios e não crescem numericamente? Por que alguns grupos crescem sem que haja uma ação proativa em prol do crescimento? A terceira direção aponta esse crescimento espontâneo independente de proatividade segundo alguns princípios ou estratégias. Assim, sem um rol específico de princípios aplicados ou estratégias utilizadas, algumas igrejas crescem por gerações e sobrevivem aos dilúvios culturais, de modo totalmente independente da ação planejada do homem.

Neste artigo, busca-se construir uma trajetória do crescimento da igreja nos dias atuais observando preliminarmente as conexões dos movimentos globais, nacionais e locais de plantio de igrejas, focando especificamente no recente Movimento de Revitalização de Igrejas e nos perigos que experimentam seus articuladores em face do Movimento de Crescimento da Igreja (MCI). Esse movimento surgiu na segunda metade do século passado, ainda possui expoentes em vários lugares do mundo e pode atrair muitos ao pragmatismo de revitalizar buscando crescimento ou revitalizar buscando modelos ou, numa reação contrária, desconsiderar toda a vida numa igreja que não seja saudável à luz de alguns princípios ou fundamentos teológicos de um ou de outro ramo do cristianismo.

A partir de uma análise histórica do MCI, mesmo sem desprezar algumas críticas de autores reformados, buscar-se-á apontar que o movimento missionário ainda possui raízes profundas do MCI, especialmente na formulação de conceitos e estratégias e, em especial, na análise dos resultados do trabalho

missionário numa determinada região, povo ou ação conjunta de redes de parceria missionária (networks). Espera-se, ao final, apontar uma posição coerente para responder aos questionamentos sobre revitalização de igrejas, servindo assim de termostato para aqueles que militam em projetos de revitalização.

1. ALGUNS FUNDAMENTOS ANTERIORES AO MOVIMENTO DE CRESCIMENTO DA IGREJA

Considera-se relevante o percurso de alguns autores e de suas respectivas propostas sobre a caminhada missionária da igreja. Nesse sentido, verifica-se que David Bosch,¹ em suas observações sobre crescimento da igreja, registradas em sua obra principal, traz algumas inovações e certo pioneirismo, como se pretende mostrar na primeira parte deste artigo. Não é possível ignorar as conexões feitas com as análises dos resultados do trabalho missionário, a partir das observações de Bosch sobre o MCI.

Para Bosch, o estudo do crescimento da igreja está associado ao estudo da teologia de missões. Assim, ele discorre a partir de Calvino, que realizou a missão através da sistematização da teologia. Tanto pela forma clara com que discorreram sobre a responsabilidade do crente no mundo quanto pela visão de que o evangelho produzia e envolvia transformações sociais e governamentais, Bosch caracteriza a teologia dos reformadores Calvino, Lutero e Bucer como uma teologia missionária.²

Bosch analisa outro momento de eclosão missionária na história da igreja, o período morávio no qual o conde Zinzendorf (1700-1760) fez oposição à ideia de conversões em grupos e ressaltou as decisões individuais.³ Para Bosch, Zinzendorf não se interessava pela formação ou plantio de “igrejas” nas áreas de missão, pois entendia que a missão não era uma atividade da igreja, mas do próprio Cristo, mediante o Espírito.⁴ Bosch ainda destaca: “[Entre os morávios] não era a igreja (ecclesia) a portadora da missão, mas a pequena e reavivada comunidade dentro da igreja, a ecclesiola in ecclesia”.⁵ Assim, a ausência de uma visão da igreja local não impediu que os morávios agissem na tentativa de estabelecer uma característica e provavelmente uma fraqueza do movimento pietista alemão. Esta, segundo Bosch, foi uma debilidade do pietismo em sua vertente missionária.

¹ David Jacobus Bosch (1929-1992). Sua principal obra foi *Transforming Mission: Paradigm Shifts in the Theology of Mission* (1991), publicada no Brasil pela Editora Sinodal, de São Leopoldo, sob o título *Missão Transformadora* (2002).

² *Ibid.*, p. 301. Bosch afirma que os reformadores não conseguiam imaginar uma expansão missionária em países onde não houvesse um governo protestante.

³ *Ibid.*, p. 309.

⁴ *Ibid.*, p. 310.

⁵ *Ibid.*

Ainda para Bosch, muitos pietistas, no intuito de servir de forma voluntária e sem a forma de igrejas locais, envolveram-se em missões domésticas, prestando assistência aos pobres e carentes, e criando escolas, orfanatos, hospitais, lares para viúvas e outras instituições.⁶ Isto aconteceu na Europa e na Índia, e certamente aonde chegaram os morávios.⁷

Para Bosch, a ortodoxia protestante negou a validade teológica do movimento pietista. Contudo, não deixou de afirmar que esse movimento trouxe inúmeras contribuições para a ideia protestante de missões. Dentre outras contribuições, levar o evangelho não apenas às colônias europeias, definir o trabalho missionário como uma tarefa comum aos cristãos, abrir caminho para o ecumenismo de missão e difundir entre cristãos o conceito de dedicação integral ao trabalho missionário.⁸ Observando a história missionária, Bosch estabeleceu o conceito da igreja-em-missão como a igreja local em qualquer parte do mundo.⁹ Esta função, segundo ele, concedia a cada igreja uma autonomia missionária em relação às demais igrejas. Contudo, esse conceito foi ignorado na maior parte da história da igreja. Quanto à Igreja Católica Romana, para Bosch a missão ficou centralizada nos papas e nas tentativas dos pontífices de espalhar a fé no mundo conquistado pelas nações católicas.

Uma contribuição que conecta o pensamento de Bosch com a prática missionária da igreja desde a primeira metade do século 20 até aos dias atuais, e domina assim muitas iniciativas missionárias, foi o resgate da fórmula protestante do “Three-Self” ou “Três-Autos” (autogoverno, autossustento e autopropagação). Bosch retoma de forma sistemática um tema missiológico desenvolvido anteriormente por Roland Allen (1868–1947).¹⁰ Este sistematizou a prática missionária para a fundação de igrejas. Ao seu ver, tal procedimento era derivado do modelo proposto pelo apóstolo Paulo. Em sua visão, com este modelo cada igreja local recebia autonomia através de uma liderança local, sem que houvesse uma dependência missionária do apóstolo. Allen influenciaria o maior movimento de missões urbanas do século 20, o Movimento de Crescimento da Igreja, e ainda hoje sua fórmula está presente nas mais diversas ramificações do cristianismo.¹¹

⁶ Ibid., p. 311.

⁷ Ibid.

⁸ Ibid., p. 312.

⁹ Ibid., p. 454.

¹⁰ Ibid. Cf. ALLEN, Roland. *Missionary Methods: St. Paul's or Ours: A Study of the Church in the Four Provinces*. Classic Reprint. Londres: Forgotten Books Publisher, 2015.

¹¹ Ao se observar os critérios constitucionais para organização de uma igreja local na Igreja Presbiteriana do Brasil, percebe-se uma certa influência de Allen: “Art.5 – Uma comunidade de cristãos poderá ser organizada em Igreja, somente quando oferecer garantias de estabilidade, não só quanto ao número de crentes professos, mas também quanto aos recursos pecuniários indispensáveis à manutenção regular de seus encargos, inclusive as causas gerais e disponha de pessoas aptas para os cargos eletivos”. *Manual Presbiteriano*, Constituição da Igreja Presbiteriana do Brasil. São Paulo: Cultura Cristã, 1999.

Antes que o MCI fosse sistematizado, e para que se encontrem os fundamentos de alguns dos seus postulados, pode-se estudar o crescimento da igreja no século 20 através de documentos da Conferência Missionária Mundial.¹² Também é importante observar que essa preocupação quanto ao avanço do cristianismo aconteceu igualmente na Igreja Romana, sendo objeto de estudos e discussões no Concílio Vaticano II (1962-1965). À luz de alguns documentos daquele Concílio, parece que houve uma tentativa de reforma missiológica, utilizando alguns conceitos que haviam sido resgatados pela Reforma Protestante do século 16. O Concílio Vaticano II direcionou a caminhada da Igreja Romana nos últimos anos do milênio, incluindo seu próprio crescimento.¹³

As “motivações para o crescimento” das igrejas protestantes e o “fazer missões” da Igreja Católica Romana possuem diferentes matizes teológicos. É importante observar que ao longo dos séculos a Igreja Romana perdeu alguns aspectos da essência e do conteúdo do evangelho, substituindo-o pelas tradições, dogmas e hierarquias conciliares. Este distanciamento levou o movimento missionário católico a se contextualizar de forma acrítica,¹⁴ tornando-se sincrético em relação aos povos “evangelizados”. Contudo, parece que os documentos do Concílio Vaticano II apontam para uma reforma missiológica que somente numa linha de tempo longa e paciente poderá ser observada.

¹² Edimburgo, 1910 – a busca da unidade da igreja nos campos missionários. Essa conferência aconteceu ainda sob os efeitos do século 19 e do movimento missionário protestante, observando que também recebeu a influência do liberalismo teológico. A busca do ecumenismo gerou em 1948 o Conselho Mundial de Igrejas, fruto dos movimentos Vida e Obra (1925) e Fé e Ordem (1927). Outros eventos foram Panamá, 1916; Berlim, 1966; Lausanne, 1974 e Manila, 1989.

¹³ Em 26 de outubro de 2002, o papa João Paulo II se expressou sobre o crescimento da Igreja Romana através do trabalho dos leigos, utilizando documentos do Concílio Vaticano II, nos seguintes termos: “Por sua vez, o papel fundamental que os leigos desempenham na missão da Igreja foi posto, como sabemos, em evidência no Concílio Vaticano II e em numerosos documentos pós-conciliares. Eles, lê-se na *Lumen gentium*, ‘são chamados como membros vivos a contribuir com todas as suas forças (...) para o crescimento da Igreja’ (n. 31), à sua expansão entre os homens e os povos. Ainda mais explícito e categórico é o Decreto sobre o apostolado dos leigos, que reafirma ‘a parte ativa que os leigos têm na vida e na missão da Igreja’ (AA, 10). Por isso, a sua atividade apostólica não é facultativa, mas um dever estrito que cabe a cada fiel, pelo simples fato de estar batizado. Todos ‘tenham uma consciência viva das suas responsabilidades para com o mundo, fomentem em si um espírito verdadeiramente católico, e ponham as suas forças ao serviço da obra da evangelização’ (Ad gentes, 41). A missão é única, mas o modo de realizá-la é diferente, conforme os dons distribuídos pelo Espírito aos vários membros da Igreja. A ação dos leigos é indispensável para que a Igreja possa ser considerada realmente constituída, viva e operante em todos os seus setores, tornando-se plenamente sinal da presença de Cristo entre os homens. Mas isto supõe um laicato amadurecido, em comunhão plena com a hierarquia e comprometido a plasmar o Evangelho nas distintas situações em que se encontre”. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/2002/october/documents/hf_jp-ii_spe_20021026_brazil-nordeste-i-iv_po.html. Acesso em: 22 set. 2016.

¹⁴ Expressão utilizada por Paul Hiebert para referir-se à contextualização sem os devidos filtros da Escritura sobre a cultura. O evangelho se amolda à cultura e caminha dentro do seu contexto de forma sincrética.

2. O MOVIMENTO DE CRESCIMENTO DA IGREJA (MCI) E SUA INFLUÊNCIA SOBRE A MISSIOLOGIA PROTESTANTE NOS ÚLTIMOS 90 ANOS

O momento inaugural do MCI, mesmo que não seja possível estudá-lo sem considerar escritos posteriores, foi a publicação do livro *The Spontaneous Expansion of the Church and the Causes Which Hinder It* (1927), de Roland Allen (“A expansão espontânea da igreja e as causas que a impedem”). Esse autor e Waskon Pickett (1890-1981) influenciaram o missiólogo Donald McGavran, que por sua vez trouxe reflexões, metodologias e uma nova filosofia de análise do crescimento da igreja que ficaram conhecidas como MCI. A Sociedade Americana para o Crescimento da Igreja¹⁵ assim definiu o movimento:

Crescimento da igreja é a disciplina que investiga a natureza, expansão, plantação, multiplicação, função e saúde das igrejas cristãs na medida em que se relacionam com a efetiva implementação do encargo divino de “fazer discípulos de todos os povos” (Mt 28.18-20).¹⁶

Por sua vez, os pesquisadores do crescimento da igreja se esforçaram por integrar os princípios teológicos da Escritura sobre a expansão da igreja com as melhores perspectivas das ciências sociais e comportamentais contemporâneas, empregando como quadro de referência inicial o trabalho de base feito por Donald McGavran. Dentro dessa perspectiva, o crescimento da igreja na literatura expressa duas realidades distintas. A primeira numa relação com o MCI e a segunda como uma reação ao MCI. Donald McGavran foi o iniciador desse movimento e não se pode negar que, ao escrever e publicar *The Bridges of God* (“As pontes de Deus”), trouxe uma reflexão importante para a igreja, especialmente para as conexões da missiologia com a tarefa da igreja no cumprimento da Grande Comissão (Mt 28.18-20).¹⁷ Nesse momento novo inaugurado com as pesquisas, escritos e polêmicas de McGavran, o MCI surgiu adotando um evangelismo pragmático e um movimento de massas. No início dos anos 90, Thom Rainer levantou críticas ao MCI, observando que

¹⁵ Fundada pelos missiólogos Donald McGavran e C. Peter Wagner em 1986. Posteriormente recebeu a adesão de George Hunter. Hoje denominada Great Commission Research Network (GCRNet), é uma associação de líderes eclesiais que se dedica a analisar estudos de caso, ouvir líderes destacados e ser uma rede de profissionais comprometidos em ajudar as igrejas locais a expandir o reino. Disponível em: http://www.ascg.org/about_us. Acesso em: 23 set. 2009.

¹⁶ RAINER, Thom S. *The Book of Church Growth*. Nashville, TN: Broadman & Publishers, 1993, p. 20.

¹⁷ Existem alguns fatos que não podemos deixar de ponderar: a reação da igreja nos Estados Unidos e na Europa após a 2ª Guerra mundial, a influência do Concílio Vaticano II nas ações missionárias protestantes, a reação missionária reformada diante das “aberturas” do ecumenismo nas décadas de 60 e 70, e ainda as faces da igreja no surgimento da pós-modernidade e na diluição da sociedade moderna.

em seus princípios dominavam o pragmatismo numérico e as sistematizações teológicas com base em dados estatísticos. Para os seus defensores, quando as condições eram corretas, não meramente subgrupos, porém grupos inteiros tomariam uma decisão pelo evangelho em conjunto.¹⁸

Para Rainer, McGavran entendeu que a missão cristã é dupla: a conversão dos perdidos e uma igreja centrada em estratégias para o discipulado.¹⁹ Entre essas estratégias está a aferição da receptividade de um grupo ao evangelho. Picket e McGavran enfatizaram que

[...] em um mundo de recursos limitados, os recursos de pessoas, dinheiro e energia devem ser direcionados àqueles que tem maior probabilidade de ouvir e obedecer o evangelho de Jesus Cristo. Não negligenciem os não receptivos, disseram eles, mas utilizem a maior parte dos recursos para alcançar o maior número daqueles que têm a probabilidade de receber a Cristo.²⁰

Não se pode subtrair de McGavran a possibilidade de defesa ou pelo menos de análise do seu pensamento à luz da teologia reformada. Ao caminhar em direção ao MCI, tendo suas próprias motivações de questionamento do liberalismo teológico crescente do início do século 20 quanto à inspiração das Escrituras, estando movido pela necessidade de conhecer a cultura, a religião e as ocupações das pessoas e somando a tudo isso a observação das igrejas que estavam crescendo ou se multiplicando, McGavran caminhou para a formulação e sistematização dos princípios do que viria a ser o MCI.²¹ Originalmente, McGavran iniciou a análise do crescimento de igrejas através da observação e investigação,²² não através de uma perspectiva que vai da Escritura para as ciências sociais, mas das ciências sociais para a Escritura. Os resultados não poderiam ser os mesmos, pois o DNA do movimento não era bíblico, e sim antropológico.

Segundo Rainer, em *The Bridges of God*, sua principal obra, McGavran levantou polêmicas em pelo menos três áreas: teologia, ética e missiologia. Teologicamente, ele afirmou que “o evangelismo é mais que simplesmente proclamar o evangelho; insistiu que a evangelização é incompleta enquanto a pessoa não se torna um discípulo responsável de Cristo”.²³

¹⁸ RAINER, *The Book of Church Growth*, p. 12-13.

¹⁹ *Ibid.*, p. 11-12.

²⁰ *Ibid.*, p. 30.

²¹ Ver McGAVRAN, Donald A. *Effective Evangelism: A Theological Mandate*. Phillipsburg: Presbyterian and Reformed, 1988.

²² TOWNS, Elmer. In: SHENK, Wilbert. *Exploring Church Growth*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1983, p. 41.

²³ RAINER, *The Book of Church Growth*, p. 35.

eticamente, parece que McGavran não esperava que os resultados viessem apenas de Deus, mas deveriam ser medidos pelos resultados numéricos.²⁴ Missiologicamente, nesses resultados McGavran criticava o evangelismo individual e as expectativas de conversões individuais, o que sempre ocorreu na igreja ocidental. Ele levantou a hipótese de conversões de famílias, de famílias estendidas e depois de aldeias e tribos de forma coletiva, qualificando esse movimento de conversão coletiva como um movimento popular.²⁵

Com esses pressupostos e princípios, McGavran trouxe ao debate missiológico, por três décadas, a controvérsia sobre um dos assuntos mais polêmicos de toda a sua eclesiologia: a unidade homogênea. Essa expressão, segundo Rainer, derivou da observação de McGavran sobre os evangelistas. Segundo ele, os mais eficazes foram aqueles que tentaram conquistar as pessoas de seu próprio povo, as pessoas de dentro de sua cultura, classe, família ou tribo.²⁶ McGavran deduziu que os homens gostam de se tornar cristãos sem a necessidade de cruzar barreiras sociais, linguísticas ou de classes.

Para McGavran, havia a necessidade de elaboração do pensamento eclesiológico de forma técnica e científica, quando se falava a respeito do crescimento da igreja. A justificativa para esse posicionamento era a utilização de métodos científicos como os das ciências sociais em outras realidades do Reino de Deus. Aspectos mais subjetivos como visão aguçada, senso comum e bom julgamento estavam incluídos em sua metodologia. No crescimento da igreja, ele justificava afirmando que os princípios necessários têm valor para o grande esforço que é a evangelização mundial.²⁷

Também em outro livro, *Ten Steps for Church Growth* (“Dez passos para o crescimento da igreja”),²⁸ McGavran escreveu que existem na igreja dois tipos de pesquisadores do seu crescimento. Os primeiros são os acadêmicos e os segundos os pastores e as demais pessoas que ocupam a liderança na igreja.

²⁴ Ibid.

²⁵ Ibid. As palavras originais de Rainer são: “The typical Western approach to evangelism was to preach an individualistic gospel and to expect decisions for Christ one by one. McGavran observed that the greatest number became Christians by making individual decisions collectively: families, extended families, villages, tribes, and so on. This process of conversion was called a ‘people movement’”.

²⁶ Ibid., p. 37.

²⁷ MCGAVRAN, Donald A. *Ten Steps for Church Growth*. New York: Harper & Row, 1977. Esse livro marcou a publicidade e popularidade do MCI.

²⁸ Segundo Rainer, entre 1970 e 1981 o MCI foi influenciado por vários acontecimentos: 1) a ecumenicidade evangélica, exemplificada nos congressos mundiais de Berlim em 1966 e de Lausanne em 1974; 2) o relacionamento entre as superigrejas que surgiram e cresceram dentro do movimento durante a década de 70; 3) a coincidência com a década do treinamento de leigos e de instituições paraeclesiásticas como Evangelismo Explosivo, Associação Evangélica Billy Graham e Campus Crusade for Christ, que eram receptivas a este movimento; 4) a ênfase de que todos os crentes deveriam ser equipados para o serviço da igreja; 5) o impacto do movimento neopentecostal; 6) o movimento de Keswick. *The Book of Church Growth*, p. 41-49.

Enquanto os primeiros gastam anos para conquistar títulos e graus acadêmicos, os segundos são mais importantes, pois usam uma gama abundante de recursos. Com os olhos do crescimento da igreja vemos as possibilidades, descobrimos os métodos que produzem efeitos e descartamos aqueles que são ineficazes. Esta é uma maneira de Deus abençoar a sua igreja com o seu Espírito, fazendo-a avançar em muitas áreas.²⁹

Para McGavran, o princípio para o crescimento da igreja era uma verdade universal, que, quando corretamente interpretada e aplicada, contribuía significativamente para o crescimento de igrejas e denominações. Ainda, o crescimento é uma verdade de Deus para a igreja; ela vai espalhar o evangelho, plantando igreja após igreja e edificando o corpo.³⁰

Nesse sentido, McGavran ainda afirmou:

Descobrir os princípios de crescimento da igreja não é difícil. O que é necessário? Observa-se onde a igreja está crescendo, onde Deus está abençoando os esforços de seus servos com efetivo e real crescimento, onde o número de membros está aumentando e novas congregações estão nascendo, e onde homens e mulheres são apresentados a Jesus, entregam sua vida a ele e se tornam membros responsáveis de sua igreja.³¹

Essa perspectiva de crescimento, com avaliação a partir de resultados numéricos, trouxe uma visão distorcida para o plantio, a existência e o desenvolvimento de uma igreja numa cidade, povo ou nação. Os próprios relatórios de missionários tornaram-se estatísticos e não teológicos: uma vez que os números aparecem, considera-se o esforço missionário um sucesso, sendo o inverso também uma realidade. Bosch avalia essa perspectiva de McGavran destacando que o crescimento de uma igreja não pode ser reduzido à soma de crentes batizados, mas à sua forma fidedigna de existir num período histórico.³² Essa deveria ser a abordagem principal do missionário e não os números estatísticos ou o crescimento numérico abundante.

Bosch reagiu corretamente ao observar que o conceito de crescimento da igreja ia além do crescimento numérico fundamentado por McGavran, pois incluía o envolvimento integral dos crentes com o ambiente e com os conflitos que nele estavam inseridos. Nesse sentido Bosch observou:

[...] a “realização” da missão ou da evangelização mede-se, muitas vezes ou exclusivamente, em termos de atividades “religiosas” ou “transcendentes” ou de conduta no nível microético, como a abstinência do tabaco ou de um linguajar

²⁹ MCGAVRAN, *Ten Steps for Church Growth*, p. 10.

³⁰ *Ibid.*, p. 11.

³¹ *Ibid.*, p. 15 e 16.

³² BOSCH, *Missão Transformadora*, p. 458.

blasfemo. Frequentemente, isso também significa um abandono do engajamento nas questões sociais predominantes em uma determinada comunidade. Onde isso acontece, uma explosão do número de conversos, pode, de fato, constituir uma forma velada de escapismo e, assim, zombar das verdadeiras reivindicações da fé cristã.³³

Ao que parece, McGavran adotou um pragmatismo numérico. Nessa mesma linha de raciocínio, Bosch comenta que McGavran buscava um evangelismo que proclamasse o evangelho, convertesse pecadores e multiplicasse a igreja.³⁴ Um aspecto essencial é a crítica que Bosch faz ao conceito de unidades homogêneas,³⁵ ao afirmar que o modelo de manter a colheita no mesmo peso da semente e o crescimento numérico ou quantitativo no mesmo peso que os crescimentos qualitativos ou orgânicos deveriam constituir a prioridade número um da igreja. Parece-nos que o MCI não considerou a direção soberana do Espírito Santo na condução do crescimento da igreja. Tal fato se evidencia ainda mais quando se olha para o mundo com mais de três bilhões de não convertidos e a disposição do MCI de fazer um investimento brando nas áreas de maior resistência e de um grande investimento onde se concentravam as populações “conversíveis”.

Por outro lado, na literatura atual alguns autores trabalham na defesa dos princípios do MCI, buscando atualizá-los para uma nova realidade da igreja. Esses autores influenciam alguns movimentos de plantio e revitalização de igrejas. O primeiro deles é Gary McIntosh,³⁶ que destaca a necessidade de preservar os princípios essenciais do crescimento da igreja desenvolvidos por McGavran, atualizando a sua necessidade e deixando para trás as disputas das décadas de 80 e 90. Para ele, é preciso preservar o MCI:

- 1) Deus deseja que seus filhos perdidos sejam encontrados; o MCI vem da natureza da vida que Deus concede;
- 2) A pesquisa responsável sobre as causas e as barreiras do crescimento da igreja deve ser conduzida como método de crescimento;
- 3) Deve-se desenvolver planos específicos, com bases nas pesquisas feitas, para conquistar estrategicamente pessoas para Cristo.³⁷

³³ Ibid., p. 458.

³⁴ Ibid., p. 497.

³⁵ Questionamento para futuras pesquisas acadêmicas: Qual a relação entre o princípio das unidades homogêneas e o estabelecimento da Janela 10x40?

³⁶ MCINTOSH, Gary L. (Org.). *Evaluating the Church Growth Movement: Five Views*. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2004.

³⁷ Ibid., p. 15s.

Outro autor incluído entre os expoentes atuais do MCI é Elmer Towns, que se coloca como um dos defensores do movimento. Para ele, o MCI deve ser preservado em sua essência e em sua conexão necessária com as ciências sociais. Toda definição de crescimento da igreja deve se associar com as ciências sociais, especialmente para uma genuína e válida abordagem da evangelização. Crescimento da igreja está associado a três aspectos separados. O primeiro tem a ver com o crescimento numérico, o segundo com o plantio de novas igrejas e com o rompimento de barreiras sociais e culturais, e o terceiro está associado com a base da pesquisa científica, pois crescimento da igreja é uma disciplina ou uma ciência. A pesquisa científica é um método que socorre os pesquisadores do crescimento da igreja para que esses determinem os princípios e os métodos de evangelismo.³⁸

Observa-se em Towns a tentativa de produzir uma síntese entre princípios teológicos e as ciências: “Onde as Escrituras silenciam, pesquisas científicas podem determinar os princípios do crescimento da igreja. Todavia, estes devem estar em harmonia com outros princípios explícitos previamente estabelecidos”.³⁹

As justificativas de Towns mostram que o seu conceito de teologia e seus princípios teológicos se aproximam de uma hermenêutica subjetivista,⁴⁰ como é o caso da maioria dos teóricos do MCI. Ao tentar acoplar as teorias e descobertas das ciências sociais com os princípios teológicos da Escrituras, o MCI produz uma teologia anômala como se fosse uma ciência social, ou seja, uma ciência social justificada pela teologia. Percebe-se claramente a inversão de se ter no centro os métodos e os diagnósticos, e não a própria teologia: “As pesquisas e os princípios de crescimento da igreja não são um adendo aos métodos e princípios teológicos, mas estão no coração da teologia e dos seus métodos”.⁴¹

Com a mesma intensidade com que o MCI adquiriu adeptos em todo o mundo, suas teologia e estratégia foram questionadas em várias partes e de diversos modos. Dentre os expositores do MCI, Charles Peter Wagner (1930-2016) foi o aluno de McGavran que mais expandiu suas fronteiras e provavelmente aquele que levou os seus métodos às últimas consequências, criando anomalias irremediáveis no MCI. Com Wagner, o MCI foi sistematizado como ciência e doutrina, recebendo conceitos, natureza e extensão. Wagner assim conceitua o MCI:

³⁸ TOWNS, Elmer. Effective evangelism view. In: MCINTOSH, *Evaluating the Church Growth Movement*, p. 38s.

³⁹ Ibid., p. 47.

⁴⁰ ANGLADA, Paulo. *Introdução à hermenêutica reformada*. Ananindeua, Pará: Knox Publicações, 2006, p. 25-106. Anglada classifica as escolas de hermenêutica em subjetivista, racionalista e reformada.

⁴¹ TOWNS, Effective evangelism view, p. 47.

O Movimento de Crescimento da Igreja inclui todos os recursos humanos, de instituições e de publicações dedicadas a expor os conceitos e praticar os princípios de crescimento da igreja, começando com o trabalho pioneiro de Donald McGavran em 1955.⁴²

Em outra publicação, Wagner amplia o seu conceito, buscando uma conexão com princípios bíblicos: “Crescimento da Igreja diz respeito a tudo que está envolvido em levar homens e mulheres que não possuem um relacionamento pessoal com Jesus Cristo à comunhão com ele e a uma participação responsável como membros de uma igreja.⁴³ Entretanto, ao comentar o conceito de Wagner, Rainer estabelece claramente um vínculo do MCI com as ciências sociais:

Crescimento da Igreja é a disciplina que visa compreender, através de estudos bíblicos, sociológicos, históricos e comportamentais, as razões pelas quais as igrejas crescem ou diminuem. O crescimento genuíno da igreja acontece conforme discípulos da Grande Comissão são recebidos e evidenciados por uma membresia responsável. Essa disciplina iniciou com o trabalho pioneiro de Donald McGavran.⁴⁴

O conceito de Wagner é supostamente bíblico. Contudo, existem indícios em sua cosmovisão que apontam para outra fonte que não a Bíblia como única regra de fé e prática. Tal suspeita vai se confirmando quando outros autores são trazidos ao debate acadêmico-teológico.

Juan Carlos Miranda, baseado nos fundamentos do MCI, elabora o seu próprio conceito:

É a ciência que estuda o plantio, multiplicação, função e saúde das igrejas cristãs, especificamente no que se relaciona com a implementação da Grande Comissão de “fazer discípulos de todas as nações” (Mt 28.19)... É simultaneamente uma convicção teológica e uma ciência aplicada, que procura combinar os princípios eternos da Palavra de Deus com os conhecimentos contemporâneos das ciências sociais, tendo como ponto de referência o trabalho fundamental feito pelo Dr. Donald McGavran e seus colegas do Seminário Teológico Fuller.⁴⁵

O MCI se solidificou como movimento. Contudo, a distância de uma abordagem com fundamentos bíblicos também se estabeleceu à medida que Wagner utilizou-se da igreja como laboratório de suas teorias sobre crescimento:

⁴² RAINER, *The Book of Church Growth*, p. 22.

⁴³ WAGNER, C. Peter. *Estratégias para o crescimento da igreja*. São Paulo: Editora Sepal, 1991, p. 124.

⁴⁴ RAINER. *The Book of Church Growth*, p. 21.

⁴⁵ MIRANDA, Juan Carlos. *Manual de crescimento da igreja*. São Paulo: Vida Nova, 1989, p. 14.

Claramente, o critério principal para determinar que estratégia escolher é se ela alcança o alvo ou não. Essa é uma forma de dizer que o fim justifica os meios. Em um sentido amplo, nenhum outro critério justifica escolher o meio para atingir uma meta. Seria irresponsável investir tempo, energia e dinheiro em meios que não alcancem seus fins... Quando afirmo que o fim justifica os meios em planejamento estratégico, refiro-me a meios moralmente aceitáveis e não a meios imorais. Acima de tudo, como tenho dito, a obra de Deus tem que ser feita como Deus quer.⁴⁶

Wagner admite que o MCI se tornou parte das ciências sociais e, dentro delas, apenas mais uma teoria. Esse aspecto consolida o seu distanciamento das Escrituras:

A teoria do crescimento da igreja apoia-se em uma abordagem fenomenológica que sustenta suas conclusões teológicas um pouco mais em tentativas experimentais, estando aberta para reavaliá-las quando necessário à luz do que foi aprendido através da experiência. Ela está aberta para aceitar as possibilidades de que as expressões teológicas podem variar de cultura para cultura e, ainda assim, serem todas fiéis à Palavra de Deus... mostram-se dispostos a reexaminar as Escrituras à luz da experiência e reavaliar sua teologia de acordo com a mesma.⁴⁷

Parece que, consistentemente, o pensamento de Wagner caminha em direção a um relativismo, fazendo da experiência a base para novas tentativas. O seu distanciamento é claro quando firma uma sólida aliança com o misticismo e com o paganismo. Mesmo diante de inúmeras críticas em diferentes momentos históricos, Wagner introduziu em suas pesquisas uma nova variável, a existência de sinais e prodígios, e por fim, transformou o seu pragmatismo em misticismo: “Quanto mais cavo debaixo da superfície dos princípios de crescimento de igreja, mais me convenço de que a verdadeira batalha é espiritual e que nossa principal arma é a oração”.⁴⁸ Pode-se concordar com Wagner que a oração é fundamental a todo cristão, mas sua proposta vai além disso. Ele caminhou em direção a uma perspectiva mística, identificando-se com o movimento denominado “terceira onda”.⁴⁹

Wagner aprofundou sua relação com o misticismo dentro do movimento chamado batalha espiritual, segundo ele a base inicial para o crescimento da

⁴⁶ WAGNER, *Estratégias para o crescimento da igreja*, p. 28 e 30.

⁴⁷ *Ibid.*, p. 41.

⁴⁸ *Ibid.*

⁴⁹ Uma divisão clássica do movimento pentecostal. Na primeira onda, no início do século 20, envolveram-se os pentecostais históricos, tendo como referencial a experiência do batismo com o Espírito Santo e o falar em línguas estranhas. A segunda onda foi a repetição da primeira dentro da Igreja Romana, o que gerou o movimento carismático católico. A terceira onda é repetição do mesmo movimento entre os protestantes históricos ou tradicionais, com evidências de sinais e prodígios.

igreja, e claramente tornou o seu pensamento como que uma heresia dentro da realidade missionária da igreja cristã.

Satanás ataca indivíduos com o mundo, a carne e os demônios (forças demoníacas). Ele aponta seu arco e flecha principalmente em direção aos líderes, principalmente líderes que estão plantando igrejas. Através da oração, podemos neutralizar esses ataques e expandir o evangelho.⁵⁰

Observando o pensamento de Wagner, é possível concluir que existe uma conexão entre a soteriologia e a eclesiologia quando pensamos em termos do crescimento da igreja. Se a soteriologia se aproximar do pelagianismo e suas derivações, a tendência será uma eclesiologia pragmática e uma visão antropológica do crescimento. Se, todavia, a soteriologia se aproximar do agostinismo e do calvinismo, a tendência será a de uma eclesiologia dependente de Deus em termos dos resultados. Assim, necessariamente, as consequências quanto à doutrina do crescimento da igreja passam pela base eclesiologia e soteriológica sobre a qual se firmará a igreja local.

Os caminhos do MCI podem ainda ser vistos através de Miranda,⁵¹ que estabelece seus postulados em quatro direções: 1) o pastor deve querer que a igreja cresça e estar disposto a pagar o preço; 2) a congregação deve querer que a igreja cresça e estar disposta a pagar o preço; 3) a congregação e o pastor devem estar de acordo com a meta evangelística de “fazer discípulos”; 4) a congregação não deve padecer de uma enfermidade fatal.

Miranda localiza na figura do pastor o maior obstáculo para o crescimento da igreja, quando escreve:

O maior obstáculo para o crescimento é um pastor que pensa de modo negativo, que é pessimista sobre as oportunidades de crescimento. Tal pastor ensina que a tarefa básica da igreja é cuidar daquelas ovelhas que já estão no aprisco. Certamente, com essa filosofia ele não terá de trabalhar muito e a obra será relativamente fácil... Sempre que uma igreja cresce, o pastor deve exercitar a sua iniciativa, a “faísca” do Espírito de Deus para exercer o ministério.⁵²

Miranda ainda amplia a sua visão de pastorado e pastoreio em contraste com o pastoreio no sentido bíblico-teológico, ao escrever:

Acredito que, como pastor, devo ser um bom “gerente” administrador, diz a Bíblia. Assim, deverei tratar com os líderes de minha igreja para que eles sejam meus colaboradores e não obstáculos. Para que, em vez de serem muro, sejam cooperadores para fazer o trabalho.⁵³

⁵⁰ WAGNER, *Estratégias para o crescimento da Igreja*, p. 47.

⁵¹ MIRANDA, *Manual de crescimento da igreja*, p. 56.

⁵² *Ibid.*, p. 56.

⁵³ *Ibid.*, p. 60.

A figura do pastor, em Miranda, possui uma concentração de poder que certamente corresponde ao ideário do MCI. Tal posicionamento não diverge de Towns, que aborda o pastor como um dos alvos e finalidades do MCI:

Antes de o MCI introduzir seus princípios de trabalho, alcance e evangelismo, os pastores jovens não tinham recursos adequados de artigos, livros e publicações para suas pesquisas e para alcançarem sua Jerusalém com o evangelho... os pastores jovens não tinham muitos modelos diferentes de ministério para motivarem e guiarem de forma efetiva e responsável seus ministérios.⁵⁴

Assim, à medida que se busca o crescimento numérico, tenta-se formar uma nova geração de ministros com uma visão desassociada do genuíno ensino bíblico, produzindo gerações de igrejas com anomalias na soteriologia e na eclesiologia.

Foi na idealização e até na sacralização de métodos que Wagner elaborou formas para produzir o crescimento da igreja, trazendo à tona elementos já conhecidos de outros saberes como a estatística e as operações de marketing. Na mesma direção de Miranda e Towns quanto ao papel do ministro no crescimento da igreja, ele expressou sua “fórmula” para ultrapassar a barreira dos 200 membros. Recomenda ao pastor “que decida o tamanho de sua igreja bem no início do processo e bem cedo tome algumas precauções para deixar de estacionar”.⁵⁵ Em seguida, passa a mencionar os passos (princípios) para não estacionar o crescimento: escolha da equipe, criação de pequenos grupos, grupos de comunhão e modelo de liderança através da função pastoral de provedor:

Um líder que ativamente estabelece objetivos para uma congregação, de acordo com a vontade de Deus, obtém a posse de objetivos do povo e certifica-se de que cada membro da igreja esteja adequadamente motivado e equipado para cumprir seu papel na realização dos objetivos.⁵⁶

Para Wagner, na elaboração de uma estratégia de crescimento que deve necessariamente passar pela figura principal do pastor (ministro), o sistema presbiteriano (governo de presbíteros) torna-se um obstáculo. Nessa direção, ele escreveu: “Igrejas administradas por conselhos (controladas por presbíteros) raramente experimentam o mesmo crescimento que igrejas lideradas pelo pastor. O pastor lidera e equipa, e os membros ministram”.⁵⁷ Define, assim, a função pastoral como de administrador, ao invés de pastor de ovelhas.⁵⁸ E elabora

⁵⁴ Elmer Towns apud MCINTOSH, *Evaluating the Church Growth Movement*, p. 32, 33.

⁵⁵ WAGNER, Peter. *Plantar igrejas para a grande colheita*. São Paulo: Abba Press, 1993, p. 111.

⁵⁶ *Ibid.*, p. 115.

⁵⁷ *Ibid.*

⁵⁸ *Ibid.*, p. 116.

instruções sobre a definição fixa do patrimônio físico à medida que define o tamanho da igreja, devendo ser adiada a sua localização definitiva. Por fim, Wagner estabelece que os estatutos só devem ser escritos quando a nova igreja tiver pelo menos 500 membros, para não limitar a ação do pastor colocando a autoridade nas mãos de leigos,⁵⁹ zelando para que a centralização da autoridade esteja nas mãos do pastor.

Esses princípios ultrapassaram as gerações e chegaram à segunda década do século 21 no Movimento de Plantação de Igrejas (MPI), no qual a figura do plantador de igrejas passa a ser o elemento mais importante e de maior relevância para o sucesso de um processo de plantio. Plantadores bem recrutados, bem avaliados e capacitados trarão melhores resultados que outros plantadores que não passaram pelos mesmos critérios. Assim os resultados dependem dos métodos de escolha do plantador e de suas habilidades inatas e não desenvolvidas. Também atinge o Movimento de Revitalização de Igrejas (MRI). Na medida em que as igrejas a serem revitalizadas abandonam a figura do colegiado de presbíteros e têm no pastor a figura central e o movimentador da marcha da revitalização, novamente pessoas e métodos assumem a posição primordial acima dos princípios bíblicos e das estratégias bíblicas para o movimento de revitalização.

3. ALGUMAS CRÍTICAS AO MOVIMENTO DO CRESCIMENTO DA IGREJA E A SUA POSSÍVEL INFLUÊNCIA NO MPI E NO MRI

As críticas ao MCI buscam corrigir os desvios bíblico-teológicos do movimento. Inicialmente observa-se que a hermenêutica utilizada por McGavran se baseia em um equívoco quanto ao silêncio das Escrituras sobre determinados assuntos teológicos. Towns observa:

Onde as Escrituras silenciam é possível reunir pontos da revelação natural para determinar ou verificar princípios do crescimento da igreja. Esses princípios devem ser consistentes com modelos, mandamentos e princípios que são explícitos nas Sagradas Escrituras.⁶⁰

Segundo Towns, a proposta hermenêutica de McGavran induz a substituição da Escritura por uma teologia natural ou pelas ciências sociais, e não pela própria Escritura, conforme o ensino reformado e a tradição da genuína igreja de Cristo. Essa proposta hermenêutica também contraria o ensino da Confissão de Fé de Westminster sobre os princípios do crescimento da igreja, ao induzir uma interpretação das Escrituras por outra regra que não seja a

⁵⁹ Ibid., p. 118-199.

⁶⁰ Elmer Towns apud MCINTOSH, *Evaluating the Church Growth Movement*, p. 46.

própria Escritura.⁶¹ Parece-nos que McGavran caminhou para uma teologia natural desconsiderando a pertinência da doutrina da suficiência das Escrituras. Em suma, o corolário de sua abordagem é que o silêncio das Escrituras quanto a um determinado assunto pode ser entendido como autorização para que o intérprete avalie suas pressuposições com base na revelação natural e nas ciências sociais. O eixo da leitura bíblica não é a busca por Cristo nas Escrituras, mas a busca de resultados.

Como o crescimento da igreja envolve os eternos decretos de Deus, não é possível, à luz da Confissão de Fé de Westminster, que a Escritura seja complementada pela revelação natural e pelas ciências sociais, exceto em alguns casos muito restritos:

Todo o conselho de Deus concernente a todas as coisas necessárias para a glória dele e para a salvação, fé e vida do homem, ou é expressamente declarado na Escritura ou pode ser lógica e claramente deduzido dela. À Escritura nada se acrescentará em tempo algum, nem por novas revelações do Espírito, nem por tradições dos homens; reconhecemos, entretanto, ser necessária a íntima iluminação do Espírito de Deus para a salvadora compreensão das cousas reveladas na Palavra, e que há algumas circunstâncias, quanto ao culto de Deus e ao governo da Igreja, comuns às ações e sociedades humanas, as quais têm de ser ordenadas pela luz da natureza e pela prudência cristã, segundo as regras da Palavra, que sempre devem ser observadas.⁶²

Para Phil Newton, a fragilidade metodológica do MCI se baseia na avaliação missionária da igreja a partir de resultados numéricos, inclusive na frequência das contribuições e no crescimento das finanças. A base para o crescimento são as estratégias corretas, líderes corretos e resultados corretos:

A validação dessa conduta é encontrada na definição dada a *pragmatismo* pelos líderes de crescimento de igrejas: “O princípio que exige resultados a partir do uso de claras estratégias bíblicas; quando *nenhum resultado é percebido*, a estratégia é trocada por outra que seja igualmente clara teologicamente”... Uma vez que o novo método produz resultados, os estrategistas de crescimento da igreja já declaram que esse método é um *princípio do crescimento de igreja...* *A teoria e a teologia básicas do movimento de crescimento de igrejas estavam sendo forjadas sobre a bigorna da observação e da análise disciplinadas da experiência da igreja entre muitos povos da Índia.*⁶³

⁶¹ A CFW, no capítulo I, IX, normatiza: “A regra infalível de interpretação da Escritura é a mesma Escritura; portanto, quando houver questão sobre o verdadeiro e pleno sentido de qualquer texto da Escritura (sentido que não é múltiplo, mas único), esse texto pode ser estudado e compreendido por outros textos que falem mais claramente”.

⁶² CFW, III, IV – Da Escritura Sagrada.

⁶³ NEWTON, Phil A. O pastor e o crescimento da igreja. In: ARMSTRONG, John (Org.). *O ministério pastoral segundo a Bíblia*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007, p. 273-274. Itálicos no original.

Observando com as lentes de Newton e considerando a cultura indiana com suas múltiplas castas e barreiras sociais, pode-se concluir que McGavran, que nasceu na Índia e depois atuou durante muitos anos como missionário naquele país, tenha sido influenciado por isso. É possível que a influência do seu país o tenha levado a absolutizar um conceito atingível naquela cultura, o que poderia não ser verdade para outras culturas. Assim sendo, seu princípio das unidades homogêneas, mesmo explicado, não passaria pelo teste da hermenêutica cultural de outros povos diferentes dos povos da Índia.

Além desta crítica quanto à exegese cultural indiana, a maior parte das críticas ao MCI discute duas espécies de problemas: teológicos e pressuposições pragmáticas.

Para Van Rheenen, a maior dificuldade do MCI é a ausência de pesquisa bíblico-teológica, criando conceitos e teorias sem a base fundamental da fé cristã, que são as Escrituras Sagradas:

Um dos problemas dos defensores do MCI é não pesquisar a partir das Escrituras as razões pelas quais a igreja não está crescendo. Toda pesquisa deveria iniciar a partir das Escrituras, todos os questionamentos a serem feitos deveriam partir das Escrituras. O ponto de partida do MCI é a pesquisa social e o planejamento estratégico e não uma reflexão teológica a respeito da ausência de crescimento na igreja.⁶⁴

A base bíblica para a formulação de uma estratégia de crescimento da igreja passa pela visão bíblica a respeito do corpo de Cristo e das expressões utilizadas no Antigo e no Novo Testamentos que expressam a unidade e a totalidade daqueles que foram remidos por Cristo. Passa também pela forma autoritativa como os autores das Escrituras pontuaram a missão da igreja (Mateus 28; Marcos 16; Lucas 24; João 20 e Atos 1) e o procedimento estratégico do Senhor Jesus e dos seus apóstolos ao estabelecer os alicerces da igreja (Mateus 16). Van Rheenen corrobora nesse sentido quando afirma que a pesquisa social, apesar de válida e de ter o seu devido lugar, não deve ser pensada como uma análise da revelação natural pela razão humana.⁶⁵ Assim, podemos concluir que, com base na formulação bíblica, é possível pensar no trânsito direto pelas ciências sociais, observando-as a partir das Escrituras Sagradas, e não interpretando as Escrituras através de formulações e teorias das ciências sociais.

É possível concordar também com Newton, quando aponta que o MCI se estabeleceu a partir das experiências e não da verdade bíblica, sendo a Bíblia

⁶⁴ G. Van Rheenen apud MCINTOSH, *Evaluating the Church Growth Movement*, p. 59.

⁶⁵ *Ibid.*, p. 60.

uma fonte secundária utilizada para comprovar determinados princípios. Ao contrário, como Newton mostra de forma contundente:

Em vez de gastar muito tempo e dinheiro desenvolvendo novas experiências de marketing para o crescimento do número de membros, as congregações se beneficiariam se sua liderança mergulhasse na Palavra de Deus: o que o Senhor da igreja ordenou para o seu povo? Quais são os princípios e os mandamentos designados para dirigir a igreja de Jesus Cristo ao longo dos séculos?⁶⁶

Rainer aponta em seu estudo que as críticas sobre o MCI ocorreram em três direções. A primeira, é que havia uma ausência do evangelho, sendo, no seu dizer, uma teologia do evangelismo que reduzia o cristianismo original a uma mudança social; a segunda, que o MCI misturava a teologia e a sociologia numa nova ciência com uma ênfase excessiva nos números; e, a terceira, a rejeição da legitimidade missiológica do MCI. Ele acertadamente assim se expressou, observando pelo prisma desses três momentos de crise e críticas ao MCI:

Se hoje o crescimento da igreja pensa exclusivamente em salvação de almas, olhando para a teologia como o instrumento de alimentação do povo, o entendimento do crescimento da igreja fica comprometido principalmente se olharmos para os períodos de perseguição ou diáspora.⁶⁷

Uma evangelização divorciada da teologia e uma teologia divorciada da evangelização certamente não poderiam aferir o genuíno crescimento da igreja em nenhum período. A diáspora ou os tempos de perseguição e aflições para a igreja são períodos em que não se pode medir com precisão nem o que foi preservado da verdadeira teologia nem tampouco os resultados visíveis da evangelização.

Rainer destaca distorções na teologia do MCI, principalmente no seu principal expositor, Peter Wagner. Pontualmente, Rainer observa que a hermenêutica deve ser conduzida para o crescimento não isolando o texto da Escritura da cultura moderna, para não correr o risco de se manter irrelevante diante do mundo.⁶⁸ Trata-se, nas palavras de Rainer, de “uma hermenêutica fenomenológica”.⁶⁹

⁶⁶ NEWTON, O pastor e o crescimento da igreja, p. 272-274.

⁶⁷ RAINER, *The Book of Church Growth*, p. 46.

⁶⁸ Ibid., p. 91.

⁶⁹ A interpretação das Escrituras buscando a comprovação para os princípios do MCI e não o exame da fenomenologia à luz das Escrituras.

Nessa mesma esteira, outros pontos são criticados por esse autor, como a necessidade da modelagem da teologia pela experiência.⁷⁰ Acentua ainda duas outras questões extremamente controvertidas que beiram à heresia. A primeira, a liberalidade de empregar princípios das ciências sociais para formatar princípios de crescimento da igreja, tendo apenas a ausência de manifestação da Escritura sobre o mesmo. Ou seja, uma vez que a Bíblia não menciona ou não proíbe algo, qualquer princípio pode ser utilizado; a igreja torna-se, assim, um laboratório de testes dos cientistas sociais. A segunda, a concepção da soberania de Deus numa perspectiva pelagiana, oferecendo ao homem a responsabilidade moral no processo de salvação, como observou Shelley:

A pedra fundamental do pelagianismo é a ideia do livre arbítrio fundamental do homem e sua responsabilidade moral. Ao criar o homem, Deus não o sujeitou, como as demais criaturas, às leis da natureza, mas deu-lhe o privilégio sem igual de cumprir a vontade divina mediante a sua própria escolha. Essa possibilidade de escolher livremente o bem acarreta a possibilidade de escolher o mal.⁷¹

Segundo Rainer, essas concepções de Wagner, de que a soberania de Deus não viola o livre arbítrio do homem, nem torna desnecessária a procura de métodos que possam comunicar o evangelho independentemente de sua origem, mas que façam a igreja crescer,⁷² apontam para nada menos que a participação ativa do homem no processo da redenção, estabelecendo o que pode e como pode ser feito. É possível que tal concepção seja derivada da sua visão reduzida da soberania de Deus, culminando com a afirmação de que o crescimento da igreja pode ser embaraçado pelo poder de Satanás, que usa de suas forças para, em algum ponto, impedir o seu verdadeiro crescimento.⁷³ Esse foco final de sua concepção sobre a ação de Satanás como agente no impedimento do crescimento da igreja possui raízes no maniqueísmo e já aponta para o movimento de batalha espiritual, do qual Wagner se tornou sistematizador e arauto, caminhando, na visão de Peter Jones, dentro do ressurgimento do gnosticismo ou neopaganismo no mundo pós-moderno.⁷⁴

Assim, o pensamento de Wagner torna-se evidentemente pragmático, quando usa do reducionismo para sacralizar métodos e práticas como assertivas

⁷⁰ RAINER, *The Book of Church Growth*, p. 172.

⁷¹ SHELLEY, B.L. In: ELWELL, Walter A. (Org.). *Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã*. Vol. 3. São Paulo: Vida Nova, 1990, p. 127.

⁷² RAINER, *The Book of Church Growth*, p. 99.

⁷³ *Ibid.*, p. 179.

⁷⁴ JONES, Peter. *A ameaça pagã*. São Paulo: Cultura Cristã, 1998. Nesse livro o autor discorre sobre o ressurgimento do paganismo em suas mais diversas frentes e vertentes.

do crescimento da igreja. McIntosh pontua de forma didática a natureza das críticas ao MCI numa linha do tempo. Na década de 70, a crítica versava sobre a questão da prioridade do crescimento numérico, a validade dos movimentos populares e o uso de estratégias para o crescimento da igreja. Na década de 80, a crítica atacou as questões hermenêuticas do Movimento de Crescimento da Igreja, o uso da teoria da comunicação, as práticas de marketing e a relação entre proclamação e persuasão. Na década de 90, a discussão aconteceu em torno da sensibilidade da igreja quanto às necessidades das pessoas e quanto ao marketing da igreja.⁷⁵

Van Rheenen direciona suas críticas a partir de quatro argumentos ou áreas de ação do MCI: o foco antropocêntrico; a separação entre a teologia e a prática; a forma de avaliação do crescimento da igreja sem o crivo teológico; o foco no crescimento numérico e o paradigma missionário da igreja.

Quando aborda o foco antropocêntrico no MCI, Van Rheenen traz à tona a sua análise do clássico de McGavran, *Understanding Church Growth*, concluindo que é um livro excelente de pragmatismo maravilhoso.⁷⁶ Conforme sua análise, o MCI é arrolado como uma arte do modernismo baseado na lógica e na observação humana. Assim, confronta a autoridade do MCI com a autoridade das Escrituras. Paradoxalmente, a Bíblia, que é autoridade sobre o cristão, é secundária diante do MCI. Com ela, de forma consciente e inconscientemente, podemos priorizar e sistematizar nossas fontes de conhecimento ao nível mais básico e acabaremos por formar a nossa mensagem cristã e a natureza das missões e do evangelismo.⁷⁷

Ao abordar a visão do MCI acerca da separação entre teologia e prática, Van Rheenen compara o crescimento da igreja, o trabalho missionário, a metodologia e toda atividade sem o genuíno embasamento nas Escrituras, ao exercício dos dons espirituais sem o amor (1Co 13.1). Metodologias e estratégias devem ser servas e nunca mestras para a missão de Deus. Em todos os aspectos do ministério, portanto, aquele que deseja praticar a missão deve começar com um estudo da teologia bíblica, formando uma estratégia com base na perspectiva bíblica e teológica.⁷⁸

A metodologia pragmática do MCI perde, para Van Rheenen, todo respaldo, uma vez que a teologia passa a ser elaborada como uma reação aos questionamentos de ausência de teologia na construção e na prática dos métodos. Não existe, nesse aspecto, uma teologia clara, bíblica e edificadora da igreja, mas

⁷⁵ McINTOSH, *Evaluating the Church Growth Movement*, p. 23.

⁷⁶ *Ibid.*, p. 175.

⁷⁷ *Ibid.*, p. 176.

⁷⁸ *Ibid.*, p. 177.

uma teologia que se desenvolve como justificativa para as práticas.⁷⁹ Muitas destas são oriundas das ciências sociais, o que por si só não se constitui em instrumento motivador para o trabalho missionário, seja entre os povos não alcançados, seja nos grandes centros com uma razoável densidade de cristãos.

Segundo Van Rheenen, o ponto mais controvertido e perturbador do MCI é a ênfase no crescimento numérico, gerando ministérios triunfalistas com ênfase em indivíduos motivados pelo uso da estatística e da autopromoção.⁸⁰ Esse modelo é multiplicável e pode ser reproduzido. Entretanto, o defeito da multiplicação está na formação dos novos ministros para tal modelo existente na igreja: teologia, história, cultura e estratégia passam a ser permeadas por uma missiologia desfigurada dos fundamentos das Escrituras, em uma interação sintética de disciplinas que diluem as perspectivas bíblico-teológicas de crescimento da igreja. Nessa interação multidisciplinar, sendo um dos pilares movido do seu lugar, ou havendo um desequilíbrio do conteúdo bíblico-teológico, suplantado por conteúdos culturais ou estratégicos, haverá inquestionavelmente um desequilíbrio nos futuros ministros e nas futuras igrejas.⁸¹

É a partir de uma teologia bíblica revelacional que o mundo criado poderá ser compreendido. Nessa mesma linha observa Van Rheenen:

Eu diria que a teologia bíblica deve constituir a lente através da qual podemos ver a cultura. A cultura é a arena que nos coloca dilemas e questões que exigem uma maior reflexão teológica... Ao longo dos anos, estou cada vez mais cético em relação às perspectivas do crescimento da igreja. Nele a antropologia recebeu maior consideração do que teologia e a ênfase recaiu sobre a conversão ao invés de fazer discípulos. Portanto, as missões foram inicialmente avaliadas pelo número de convertidos e de igrejas estabelecidas ao invés do desenvolvimento da maturidade do corpo de Cristo.⁸²

Em toda a literatura analisada até este ponto não encontramos propostas para novos modelos de crescimento da igreja, nem mesmo em Johannes Verkuyl, que, com sua objeção ao MCI quanto ao direcionamento das estratégias ser prioritariamente para o crescimento numérico da igreja, expressou que as prioridades estabelecidas por McGavran são unilaterais e sem fundamentação bíblica, mudando-se de prioridade de situação para situação. Harvie M. Conn expressa sua preocupação com o pragmatismo do MCI, que o fez distanciar-se, ao longo da história, das Escrituras Sagradas. Ele escreveu:

⁷⁹ Ibid., p. 180.

⁸⁰ Ibid., p. 184.

⁸¹ Ibid., p. 186-203.

⁸² Ibid., p. 169, 154, 155.

A teoria da atividade missionária (missiologia) deve ser acompanhada e autenticada pelas Escrituras. Paulo não foi um pragmático e ele nos mostra que o ponto inicial para o desenvolvimento de uma missão estratégica não pode ser menos que a mensagem da missão.⁸³

De fato, dentro do MCI não existe uma preocupação maior com a mensagem que será pregada, mas com a metodologia que levará aos resultados esperados ou planejados. Glasser enfileira-se entre aqueles que se preocupam com o sistema criado por McGavran e observa que o sistema metodológico no MCI não pode ser considerado um sistema organizado sob princípios já existentes, mas um sistema que opera de acordo com normas particulares. Ele considera McGavran um missiólogo e não um teólogo, cuja preocupação não é descobrir na Bíblia prioritariamente a tarefa principal da igreja, havendo mais uma sacralização do método em função dos resultados esperados.⁸⁴

Para Glasser, o crescimento da igreja acontece pelo seu serviço interno e externo, de forma individual através do uso dos dons e de forma coletiva através do trabalho e vida dos santos – este é o chamado da igreja.⁸⁵ No ministério da igreja, Glasser mostra o crescimento interno através da adoração, do compartilhar as necessidades uns dos outros, do ensino das Escrituras; externamente, através do serviço para com os que são de fora da igreja, atendendo necessidades físicas, sociais e espirituais.⁸⁶

Hesselgrave⁸⁷ faz uma crítica de grande importância para uma análise final sobre o MCI e sobre outros movimentos que orbitam ao redor das ciências sociais como fontes primárias de pesquisa. Colocar o crescimento da igreja como prioridade no evangelismo e na teoria missionária pode trazer dificuldades para os princípios teológicos.⁸⁸ É possível que isto gere uma caminhada em direção ao relativismo ou mesmo ao pluralismo axiológico. Entretanto, Hesselgrave não exclui a possibilidade de as ciências sociais agirem como ferramentas para o crescimento da igreja, sendo usadas como planejamento e estratégia, mas não como o *modus operandi* do evangelismo da igreja.⁸⁹

O MCI, tal como outros movimentos na história da igreja, perdeu a força principalmente nos meios reformados e nos círculos acadêmicos conservadores de maior representatividade. Parece-nos que tal fato não ocorreu por extinção dos princípios ou substituição dos postulados.

⁸³ CONN, Harvie M. (Org.). *Theological Perspectives on Church Growth*. Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed, 1976, p. 2.

⁸⁴ Arthur Glasser, apud CONN, *Theological Perspectives on Church Growth*, p. 26.

⁸⁵ *Ibid.*, p. 27.

⁸⁶ *Ibid.*, p. 28-42.

⁸⁷ HESSELGRAVE, *Planting Churches Cross-Culturally*, p. 40.

⁸⁸ *Ibid.*

⁸⁹ *Ibid.*, p. 40-41.

CONCLUSÃO – UMA PROPOSTA PARA EVITAR-SE OS PERIGOS DO MCI NOS PROCESSOS DE PLANTAÇÃO E DE REVITALIZAÇÃO DE IGREJAS

Neste artigo, a análise do Movimento de Crescimento da Igreja teve por objetivo alertar aos desenvolvedores de processos de plantio e revitalização de igrejas no sentido de que a gênese ou o DNA do MCI ainda estão presentes no movimento missionário cristão e alguns dos seus expoentes influenciam os mecanismos estratégicos, especialmente as análises de resultados. Focando em revitalização de igrejas, é importante conceituar preliminarmente que tal revitalização é um processo que busca aplicar princípios e estratégias bíblicas a uma comunidade de crentes que perdeu a sua capacidade de viver a intensidade do evangelho em sua dinâmica interior de vida espiritual, que adquiriu o hábito de suportar pecados em sua caminhada, que perdeu a capacidade de produzir novos líderes e nesse sentido não consegue observar o passado, movimentar-se no presente e projetar o seu futuro. Nesse sentido, caminha para a morte orgânica e o desaparecimento do ambiente missionário de uma geração e, na maioria dos casos, de uma região geográfica. Denominações inteiras podem passar por esse momento de enfermidade e regiões geográficas sofrem atualmente com o desaparecimento da igreja por ausência de vigor espiritual para a caminhada. Nesse sentido, a revitalização de igrejas também é um movimento eclesiológico que busca compreender as causas de adoecimento de uma comunidade de crentes, de um ministério pastoral ou de um corpo de líderes, ou ainda de igrejas de uma região e até mesmo de uma denominação.

De forma incipiente, pode-se observar o tema revitalização de igrejas com base na enciclopédia teológica. Assim, considerando-o a partir da Teologia Exegética e da Teologia Bíblica, pode-se afirmar que essa revitalização é o padrão bíblico tanto do Antigo quanto do Novo Testamento para a igreja. Os momentos em que a igreja de uma determinada época mais se aproximou da aliança com o Senhor são conhecidos por um período inicial de arrependimento, renovação da aliança e manutenção da vida de modo próximo das exigências e padrões da aliança com Deus.

Observando a partir da Teologia Sistemática, pode-se afirmar que a revitalização de igrejas é a busca de comunidades saudáveis, considerando saudável como o padrão mais próximo da visão teológica de um grupo ou tradição religiosa fiel às Escrituras. Nesse sentido, a teologia sistemática pode trazer saúde para um determinado grupo ou expressão teológica, mas numa densidade e plenitude diferente de outros grupos, considerando que nem toda igreja visível é a igreja de Cristo e a plenitude da igreja de Cristo não se concentra numa única expressão sistemática da fé. Pode-se encontrar crentes verdadeiros em todas as épocas, lugares, culturas e tradições cristãs.

Ao se observar a partir da Teologia Prática, considerando que a tradição protestante reformada insere a missiologia cristã como teologia prática, diferente da tradição católica-romana que o faz na teologia sistemática, pode-se afirmar que revitalização de igrejas é a tentativa de levar uma comunidade para o centro da Grande Comissão, aplicando internamente os princípios do discipulado. Com isso, busca-se o crescimento dos crentes em direção aos alvos da missão, não apenas numa perspectiva dogmática ou conceitual, mas principalmente na vivência do evangelho em sua simplicidade e em sua multiplicação exponencial, trazendo qualidade de vida cristã autêntica, com forte resistência ao pecado e à cultura deste mundo tenebroso, e com igual expansão da fé através do compartilhar da vida com aqueles que são descrentes ou vivem uma vida distante de Deus.

Nesse referencial inicial de tentar definir a revitalização de igrejas a partir de uma leitura teológica completa ou holística, a igreja naturalmente se afastará das armadilhas do MCI e das tentações de se potencializar uma área mais que outra. A teologia bíblica, ao trazer de volta os princípios bíblicos, pode simplificar a revitalização de igrejas como o reconhecimento de igrejas saudáveis, sem, contudo, apresentar um programa de estratégias bíblicas que busquem a aplicação dos princípios levantados nas Escrituras, dentro de uma linha de tempo e através de avaliações que afirmam não as estatísticas, mas os resultados do discipulado na transformação do caráter. Por outro lado, pode-se também estabelecer padrões sistemáticos ou dogmáticos de vida eclesial a partir de um momento histórico ou de uma confissão histórica, sem a devida conexão com os padrões bíblico-exegéticos e as necessárias aplicações práticas ou missionais, o que buscaria revitalizar uma igreja não à luz de princípios bíblicos, mas de um determinado período histórico.

Para definir um processo de revitalização de igrejas, deve-se observar alguns fatores ainda conceituais. Primeiro, observa-se que revitalizar deve ser a um fator bíblico e não a um fator histórico. Mesmo que a história seja uma variável importante, o processo de revitalização é transcendente e assim não se pode pensar que uma igreja estava viva quando possuía um profundo conhecimento teológico num determinado período da história ou quando possuía uma liderança forte e destemida ou ainda quando recebia a cada ano dezenas de novos convertidos, tornando-se uma igreja forte em termos numéricos. O fator bíblico deve levar o revitalizador humano a conectar-se com o Supremo Revitalizador: aquele que sonda as mentes e corações e conhece não apenas a teologia, mas é ele mesmo o espírito da teologia e se expressa pela teologia que é a Escritura Sagrada, a única Palavra de Deus. Sem a busca do Espírito Santo na revitalização, todo o processo não caminhará dentro de princípios bíblicos e poderá transformar-se em tradição humana, falível e passível de erros, ou render-se à ciência humana e suas vertentes, como as demandas das ciências sociais e da própria estatística. Isso transformará o processo de

revitalização numa busca de números ou crescimento de membros ou num alto grau de conhecimento teológico e ainda num movimento de treinamento (coaching) sem as necessárias bases que envolvem a transformação das raízes da espiritualidade como as práticas espirituais individuais, comunitárias e missionais. O afastamento das premissas do MCI é condição pétrea para que a igreja em revitalização se renove e caminhe novamente de forma saudável. A miscigenação ou sincretismo estratégico levará a igreja aos mesmos desvios ocorridos anteriormente com o movimento missionário do MCI.

O segundo fator que não deve ser desprezado é a tentativa de produzir revitalização estabelecendo o conhecimento empírico ou acadêmico da teologia como modelo de revitalização. Ou seja, tomar por verdade que o conhecimento teológico acumulado e muitas vezes transformado em títulos pode trazer saúde. Pelo contrário, o adoecimento de uma igreja também se instala quando o personalismo humano toma o lugar da revitalização divina e as oportunidades de aprofundamento teológico se traduzem em idolatria, orgulho e outros pecados que sempre circundaram os operadores da teologia, como as hienas circundam as caças dos leões em meio à luta pela sobrevivência. A revitalização produzida por eventos não trará resultados espirituais para uma comunidade de crentes que buscam conexão com o Supremo Revitalizador, da mesma forma que atribuir a determinados teólogos-ídolos a função de conduzir uma igreja num processo de revitalização sem a vivência humilde e simples. A teologia que não se torna pão diário é combustível para alimentar a pecaminosidade humana do cristão e a teologia que não se torna uma conduta simples para a vida e temor ao Senhor a ponto de servir os homens é um discurso que não foi gerado nas Escrituras Sagradas.

O terceiro fator que não pode ser desprezado é uma sincera discussão sobre o modelo de revitalização. Se a vertente teológica é a revitalização de líderes ou se é a revitalização de uma comunidade de crentes, o modelo não pode deixar de ser observado, analisado, criticado e necessariamente será reafirmado e com certeza transformado ou alterado. Contudo o modelo não é o principal motor da revitalização, mas faz parte de sua estrutura. Imagine que um velho automóvel com toda a suspensão, portas, bancos, sistema de freios, aerodinâmica e alinhamento receba um novo motor. Não será possível sobreviver dentro de uma estrutura defeituosa sem profundas dificuldades e necessárias transformações estruturais. O modelo de ministério, liderança ou comunidade de crentes deve ser pensado a partir da espiritualidade pessoal, comunitária e missional. Ao buscar-se revitalização, deve-se pensar em não somente apelar a fatores do passado que foram esquecidos, mas também em analisar fatores do passado que ao longo do tempo não eram essenciais e perderam a relevância. Para que haja centralidade bíblica num modelo, este deve ser submetido de tempos em tempos aos padrões bíblicos para que pelo menos uma pergunta seja respondida: O que sou como crente ou líder ou comunidade

de crentes me aproxima mais do discípulo segundo o padrão de Jesus Cristo ou me aproxima mais da estrutura temporal da igreja? Ou: Qual a excelência do meu modelo de cristão para o evangelho em minha vida?

ABSTRACT

This article intends to analyze the growth of the church, initially by observing the dangers of taking a pragmatic stance on the principles and strategies, especially in the church revitalization process. It includes an analysis of some authors of the Church Growth Movement, which has experienced a resurgence in recent years, endeavoring to merge the principles of the social sciences with biblical-theological principles in favor of numerical growth. Finally, it establishes a starting point for church revitalization diagnosis, avoiding extremes that are dangerous in any missionary dimension and in any period of church history.

KEYWORDS

Ecclesiology; Church Growth Movement; Church revitalization; Mission strategies; Healthy churches.